

Polícia acha no AM pertences de repórter e indigenista

Bombeiros encontram mochila em rio com pertences de desaparecidos

Objetos de indigenista e de jornalista estavam amarrados em árvore submersa nas margens de rio



Equipe de resgate em Atalaia do Norte (AM) transporta material encontrado neste domingo (12) nas margens de rio. Pedro Ladeira/Folhapress

Vinicius Sassine e Pedro Ladeira

ATALAIA DO NORTE (AM) Bombeiros encontraram neste domingo (12) uma mochila e objetos pessoais pertencentes ao indigenista brasileiro Bruno Pereira e ao jornalista britânico Dom Phillips, desaparecidos desde 5 de junho na região do Vale do Javari (AM).

O material encontrado estava submerso numa área às margens do rio Itaquai, onde estão concentradas as buscas pelos dois.

Na noite deste domingo, a Polícia Federal confirmou que os objetos pertencem a Pereira e Phillips. O órgão disse em nota que foram encontrados um cartão de saúde de Pereira, um chinelo, uma calça e um par de botas, também pertencentes ao indigenista. Foram achadas ainda botas e uma mochila do jornalista britânico, além de roupas pessoais. Mais cedo, agentes do Cor-

po de Bombeiros do Amazonas que participaram da operação de busca disseram que havia entre os pertences um notebook, mas o comunicado da PF não menciona esse item. Pereira e Phillips viajaram pelo rio Itaquai à cidade no dia do desaparecimento, mas não chegaram ao destino.

Os artigos dos dois foram encontrados por mergulhadores dos bombeiros. De acordo com eles, a mochila estava amarrada numa árvore submersa no igapó — área de mata inundada por água, à margem do rio. Ela foi entregue à Polícia Federal.

A expectativa das autoridades que atuam na investigação é que os pertences ajudem a destravar as investigações.

Indigenistas e representantes da Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari) disseram já no local que os objetos pertencem aos desaparecidos, contaram os bombeiros. Um dos envolvidos nas bus-



Mochila sendo retirada da água. Reprodução Bombeiros Amazonas

cas, que conhece o indigenista, havia dito à Folha na tarde de domingo ter visto um documento de Pereira entre o material recolhido.

Pereira é servidor licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) e, até o desaparecimento, atuava como colaborador da Univaja.

Às 17h, horário de Atalaia do Norte (19h11 em Brasília), a equipe de policiais federais chegou ao porto da cidade com os pertences. Havia no local um clima de comoção entre pessoas ligadas à Univaja.

Doze bombeiros atuaram na busca deste domingo, sendo quatro mergulhadores. Eles

também afirmaram que o modo como os objetos estavam depositados sob a água indica intenção de ocultação.

Os artigos foram encontrados numa área que tinha sido isolada no sábado (11) pela Polícia Federal, nas margens do rio Itaquai. Indígenas que auxiliam nas buscas haviam sinalizado que a vegetação no local tinha sinais de que um objeto de grandes proporções havia adentrado pela mata.

A Folha acompanhou, no sábado, o momento em que policiais federais avançaram por um igapó para uma pericia inicial do local. Os agentes isolaram com uma fita amarela o trecho onde existe a suspeita de passagem da lancha dos desaparecidos.

As autoridades retomaram à região neste domingo para realizar novas buscas, que resultaram na descoberta da mochila e dos demais objetos. A suspeita de indígenas, relatada à Folha no sábado com-

o auxílio de tradutores, é que a embarcação usada por Pereira e Phillips pode ter perido a direção, após um possível ataque, e ter avançado pelo igapó de forma descontrolada.

Na nota deste domingo, a PF diz que as procuras pela selvagem são "minuciosas", em trilhas existentes na região, áreas de igapós e furos do rio Itaquai.

"Nada é mais importante do que a busca pelos senhores Bruno Pereira e Dom Phillips. Os órgãos federais e estaduais reforçam o compromisso com a elucidação dos fatos e mantêm a esperança de encontrá-los", afirma a corporação.

Segundo as primeiras investigações policiais, Pereira e Phillips foram vistos pela última vez na altura da comunidade de Cachoeira, às margens do rio, onde vivem cerca de 15 famílias de pescadores e pequenos agricultores.

Os relatos de testemunhas relacionadas aos últimos momentos em que Pereira e Phillips foram vistos se tornaram elementos de prova sobre a suposta participação de Amarildo Oliveira, o Pelado, no desaparecimento.

A família de Pelado diz que ele não tem qualquer envolvimento com o desaparecimento, com atividades criminosas e com armamento ilegal. O suspeito também diz ter sido torturado pela Polícia Militar do Amazonas.

Pelado vive na comunidade de São Gabriel e teria sido visto em uma outra embarcação atrás do barco usado pela dupla, na altura de Cachoeira.

O fato de elementos de prova terem sido localizados não altera, por enquanto, o grau de suspeitas sobre Pelado, disse, reservadamente, investigadores à Folha.

O local isolado pela PF no sábado não bate com esses relatos. Descendo o rio, como a dupla desaparecida fazia no domingo rumo a Atalaia do Norte, o ponto em que a mochila foi encontrada é anterior à comunidade de Cachoeira. Se uma lancha desapareceu nesse ponto, ela não teria passado pela comunidade.

O trabalho da PF foi feito numa parceria com indígenas que vêm compreendendo as buscas por qualquer vestígio relacionado a Pereira e Phillips. No momento do isolamento, os indigenistas estavam em duas embarcações usadas no projeto de vigilância mantido pela Univaja. Uma dessas canoas foi utilizada pela Polícia Federal para isolar o local.

A área em questão não está dentro da terra demarcada, onde vivem os indígenas envolvidos nos trabalhos.

Equipes de busca já haviam localizado no rio Itaquai, nas proximidades do porto de Atalaia do Norte, material orgânico aparentemente humano, também encaminhado para pericia.

Percurso no rio teve bilhete e tentativa de conversa sobre pesca

ATALAIA DO NORTE (AM) Manoel Vitor Sabino da Costa, o Churrasco, guarda em uma bolsa um bilhete deixado pelo indigenista Bruno Pereira, servidor licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) e colaborador da Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari).

No bilhete, estão anotados o nome "Bruno" e um número de celular. Foi deixado pelo indigenista, no último encontro de que se tem notícia antes de seu desaparecimento no domingo 5 de junho. Com o indigenista estava o jornalista britânico Dom Phillips, também desaparecido.

Pereira e Phillips visitaram a casa de Churrasco, 59, na comunidade de São Rafael, na margem do Rio Itaquai, às 7h de domingo. Não encontraram o pescador em casa, mas sua mulher, Alzenira, do Nascimento Gomes, 56.

"Quando o Churrasco vai

'descer?', perguntou Pereira, segundo Alzenira.

Ele queria saber quando o pescador iria para Atalaia do Norte (AM). Trata-se do município mais próximo da terra indígena Vale do Javari.

"Me deu uma caneta e um papel que vou deixar meu número para o Churrasco me ligar quando estiver em Atalaia", pediu o indigenista.

Escrito o bilhete, ele e Phillips seguiram o trajeto rumo a Atalaia do Norte. Desapareceram pouco tempo depois. "Eu não sei dizer por que eles estão desaparecidos, e se alguém fez alguma coisa com eles", disse Churrasco à Folha no sábado (11), dentro de sua casa de palafitas.

"Eu não tinha nada contra ele [Bruno Pereira]. Ele nem parava nas comunidades. Ele veio aqui só uma vez, em 2014, quando trabalhava na Funai". Churrasco já ouviu como testemunha por equipes

da Polícia Civil, da Polícia Militar e da Polícia Federal.

No momento em que a reportagem o encontrou em sua comunidade, policiais militares fortemente armados faziam uma rondana na vila, onde vivem cerca de 20 famílias. Era apenas uma "visita informal", segundo os policiais.

Churrasco é tio de Amarildo Oliveira, o Pelado, preso por porte ilegal de munição e sob suspeita de participação no desaparecimento de Pereira e Phillips.

Churrasco vive na São Rafael (São Gabriel), também pequena e habitada por pescadores e agricultores. "Ele mora lá, eu moro aqui. O que posso dizer é sobre o que eu fiz", disse Churrasco. No rio Itaquai, as comunidades se enfileiram separadas por uma densa mata. A Cachoeira, onde Pereira e Phillips teriam sido vistos pe-



la última vez, é a segunda vila partindo de Atalaia do Norte. A São Gabriel, onde mora Pelado, é a terceira. E a São Rafael, de Churrasco, a quarta. No caminho estão as em-

barcações da Univaja usadas para as buscas, nas quais trabalham 12 indígenas.

Na comunidade São Rafael, a visita ocorreu sem agenda prévia, segundo Churrasco.

"Ele veio marcar uma reunião. Disse que queria ajudar sobre a questão do manejo", disse o pescador, em relação ao manejo do pirarucu, cuja pesca depende de autorização do Ibama.

A pesca ilegal na região é uma realidade, inclusive com relatos de violência e conflitos. A prática está no horizonte das investigações sobre o que pode ter motivado o desaparecimento da dupla.

Investigadores apontam ainda forte influência do narcotráfico na região. Os pescadores das comunidades do Itaquai negam esse tipo de influência e ação. Dizem que a prática estaria restrita ao rio Javari. O Itaquai é afluente desse rio.

'Ele não tem qualquer envolvimento', diz irmão de preso

A pequena comunidade de São Gabriel ficou vazia ao longo da semana. Desde a prisão preventiva de Pelado por 30 dias, a vila onde vivem dez famílias foi perdendo vida.

Na tarde de sábado (11), a Folha esteve na comunidade. O padresto e um irmão de Pelado, Eliecléi Costa de Oliveira, de 31 anos, ficaram no local.

Eliecléi, conhecido por Sirinha, disse: "Não acredito que meu irmão tenha envolvimento em alguma coisa disso".

Segundo Sirinha, Pelado não saiu em uma embarcação logo atrás da dupla. A declaração contraria a versão de testemunhas. Ele também disse que o irmão não tinha armamento proibido. Vinicius Sassine e Pedro Ladeira

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6